

Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira 13

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

**Atena**
Editora
Ano 2019

Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira 13

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A945	Avaliação, políticas e expansão da educação brasileira 13 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira; v. 13) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-759-8 DOI 10.22533/at.ed.598191211 1. Educação – Brasil. 2. Educação e Estado. 3. Política educacional. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série. CDD 379.981
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

Estamos na décima primeira edição do e-book “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira”. Foram selecionados 77 artigos e estes, separados em 3 volumes. O objetivo em organizar esta coligação foi dar visibilidade a temas contemporâneos que envolvem e discutem a educação, sobretudo, voltados as temáticas da avaliação e políticas educacionais e expansão da educação brasileira.

Neste **Volume XI**, são 27 artigos englobando o ensino fundamental e médio, trazendo embates sobre o processo de alfabetização, ensino de matemática, saúde, meio ambiente, metodologias, currículo, políticas públicas e relatos de experiências.

No **Volume XII** são 26 artigos subdivididos em 4 partes distintas, sendo a primeira, em torno do Ensino Superior; a segunda, Formação de Professores; a terceira, Educação de Jovens e Adultos (EJA); e por fim, História e Política.

E no **décimo terceiro volume**, são 24 artigos, organizados em 3 partes: Educação Infantil; Uso de Tecnologias na Educação e; Educação e Diversidade. Os artigos apresentam resultados de pesquisas conforme objetivo deste e-book, abordando temáticas atuais dentro de cada uma destas partes.

Sejam bem-vindos ao e-book “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira 11” e boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

PARTE 1 - EDUCAÇÃO INFANTIL

CAPÍTULO 1	1
A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS FÍSICOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E OS DIREITOS FUNDAMENTAIS DAS CRIANÇAS: EXPLORANDO TERRITÓRIOS DE INFÂNCIA	
Jessica Aparecida de Oliveira Michelle Fernanda Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.5981912111	
CAPÍTULO 2	9
AS ESPECIFICIDADES DOS EDUCADORES DE CRECHE: UM DEBATE SOBRE SABERES E FORMAÇÃO	
Laíse Soares Lima	
DOI 10.22533/at.ed.5981912113	
CAPÍTULO 3	21
BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E O ENSINO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Francisco Thiago Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5981912114	
CAPÍTULO 4	34
BEM-ESTAR /MAL-ESTAR NO TRABALHO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE CAMPO GRANDE – MS	
Gisele Aparecida Ferreira Martins Flavinês Rebolo	
DOI 10.22533/at.ed.5981912115	
CAPÍTULO 5	46
LIVRO DA VIDA: MEMÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Gabriela Moreira Rabelo	
DOI 10.22533/at.ed.5981912116	
CAPÍTULO 6	61
O BRINCAR E A CRIANÇA EM SITUAÇÃO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL: A BRINQUEDOTECA COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL	
Tiago da Silva Teixeira Isabella de Oliveira Santos Daphiny Menezes Figueiredo Paola de Castro Santos	
DOI 10.22533/at.ed.5981912117	
CAPÍTULO 7	71
A TECNOLOGIA, COMO ALIADA NA EDUCAÇÃO, NO MUNDO CONTEMPORÂNEO	
José Erildo Lopes Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.5981912118	

PARTE 2 - USO DE TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

CAPÍTULO 8	84
AVAS E MOOCS: DIFERENTES ABORDAGENS PARA APRENDIZAGEM ONLINE	
Hércules Batista de Oliveira Jésyka Milleny Azevedo Gonçalves Josilene de Fátima Cardoso Sá Lidiane Gonzaga e Silva Luanna Azevedo Cruz Maria Alice Gomes Lopes Leite	
DOI 10.22533/at.ed.5981912119	
CAPÍTULO 9	91
EDUCAÇÃO: CURRÍCULO, PLANEJAMENTO E AS NOVAS TECNOLOGIAS NA COMPLEXIDADE DO SÉCULO 21	
Eulalia Arias Spinola	
DOI 10.22533/at.ed.59819121110	
CAPÍTULO 10	102
PROCURANDO NEMO: O FILME COMO FERRAMENTA FACILITADORA NO ENSINO	
Youry Souza Marques Jhennyfer de Oliveira Silva Ghabriel Honório da Silva Karoline Pádua de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.59819121111	
CAPÍTULO 11	109
SATISFAÇÃO DOS ACADÊMICOS QUANTO AS WEBCONFERÊNCIAS DISPONIBILIZADAS PELOS CURSOS DE GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS	
Alenice Aliane Fonseca Ronilson Ferreira Freitas Vivianne Margareth Chaves Pereira Reis Naura Sthocco Silva Nobre Maria Nunes de França Maria Aparecida Pereira Queiroz Betânia Maria Araújo Passos Maria Ângela Lopes Drumont Macêdo Fernando Guilherme Veloso Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.59819121112	
CAPÍTULO 12	118
TELE-EDUCAÇÃO EM SAÚDE COMO FERRAMENTA DE QUALIFICAÇÃO DAS EQUIPES DE ATENÇÃO BÁSICA	
Renata Fernanda de Moraes Márcia Maria Pereira Rendeiro	
DOI 10.22533/at.ed.59819121113	

CAPÍTULO 13	132
UM ESTUDO SOBRE AS ATITUDES DOS ESTUDANTES DE ENSINO TÉCNICO EM RELAÇÃO À CIÊNCIA E TECNOLOGIA	
Aichi da Cruz Martins dos Anjos Márcia Regina Ferreira de Brito Dias (in memoriam)	
DOI 10.22533/at.ed.59819121114	
CAPÍTULO 14	145
EDUCAÇÃO CONTRA-HEGEMÔNICA, CONHECIMENTOS E A LUTA CONTRA A ALIENAÇÃO	
Silmara A. Lopes Verônica M. Domingues	
DOI 10.22533/at.ed.59819121115	
CAPÍTULO 15	159
EDUCAÇÃO SEXUAL E A SUA IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO CRÍTICA DOS DISCENTES DE ENSINO MÉDIO	
Maélen Samara Bento Jaqueline Tavares Ribeiro de Oliveira Rafael Ceolato da Silva Antonio Donizetti Durante Ingridy Simone Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.59819121116	
PARTE 3 - EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE	
CAPÍTULO 16	163
EDUCAÇÃO SEXUAL EM DISCURSO NA FORMAÇÃO CONTINUADA DOCENTE: REFLEXÕES SOBRE UMA PRÁTICA	
Karina de Araújo Dias	
DOI 10.22533/at.ed.59819121117	
CAPÍTULO 17	174
IDENTIDADE E DIVERSIDADE DE GÊNERO NA ESCOLA: ANÁLISE DE CONCEPÇÕES DOCENTES	
Pedro Henrique Vieira Suzana Lopes Salgado Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.59819121118	
CAPÍTULO 18	185
EDUCAÇÃO: OLHARES SOBRE OS EXCLUÍDOS JOVENS DOS MEIOS POPULARES	
Luzinete da Silva Figueirêdo	
DOI 10.22533/at.ed.59819121119	
CAPÍTULO 19	202
PERCEPÇÃO DE ESTRESSE EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS INGRESSANTES E ALOJADOS	
Maria do Socorro Souza de Araujo Sílvia Maria Melo Gonçalves	

DOI 10.22533/at.ed.59819121120

CAPÍTULO 20 217

POLÍTICAS PÚBLICAS NA EDUCAÇÃO INDÍGENA

Josinei Vilarino Figueiredo
Kyrleys Pereira Vasconcelos

DOI 10.22533/at.ed.59819121121

CAPÍTULO 21 229

PRÁTICA PEDAGÓGICA: ABORDANDO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE E DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS NO ENSINO MÉDIO

Luana Cristina Barbieri da Silva
Weverton Rodrigo Macena de Mendes
Bruno Dalbello da Silva Elias
Fernando Luis de Moraes Rocha
Antonio Donizetti Durante
Ingridy Simone Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.59819121122

CAPÍTULO 22 233

SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO EM MINAS GERAIS (1997-2014): UM ESTUDO BASEADO EM DISSERTAÇÕES E TESES

Juliane Cristina Ribeiro Borges de Souza
Neusa Elisa Carignato Sposito

DOI 10.22533/at.ed.59819121123

CAPÍTULO 23 242

TRAJETÓRIA E MEMÓRIAS DE JOVENS ADULTOS COM HIV: EXPERIÊNCIAS NO AMBIENTE ESCOLAR

Barbara Regina Firmino

DOI 10.22533/at.ed.59819121124

SOBRE O ORGANIZADOR..... 253

ÍNDICE REMISSIVO 254

TRAJETÓRIA E MEMÓRIAS DE JOVENS ADULTOS COM HIV: EXPERIÊNCIAS NO AMBIENTE ESCOLAR

Barbara Regina Firmino

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu,
Escola de Comunicação, Educação e
Humanidades da Universidade Metodista de São
Paulo.

RESUMO: Este artigo apresenta as memórias de jovens adultos com o vírus da imunodeficiência humana (HIV) pela *transmissão vertical* (desde o nascimento). Objetivos: identificar e investigar, a partir das memórias de jovens adultos, as experiências sobre o período da adolescência na escola. Método: A metodologia utilizada foi a qualitativa e uso da História Oral. Os dados foram coletados no Serviço de Extensão ao Atendimento de Pacientes HIV/Aids do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, foram selecionados oito jovens adultos nascidos entre janeiro/1995 até janeiro/1998, de ambos os sexos, com HIV pela transmissão vertical e com o Ensino Médio concluído. Resultado: Pela narrativa dos entrevistados foi possível constatar como o silêncio acerca da condição de saúde ajustou-se ao meio educacional. A falta de informação a respeito do tema ainda impera e o estigma criado em torno da epidemia HIV/AIDS iniciada na década de 1980 ainda não foi superado. A história da vida desses jovens adultos com HIV faz parte da trajetória do combate à infecção do

HIV/AIDS tanto no Brasil como no mundo, não somente no aspecto biológico, mas também nas esferas social, familiar e cultural que envolvem o cotidiano das pessoas com HIV. Os entrevistados ressaltaram a necessidade da veiculação de informações na mídia para a prevenção do HIV e uma sólida atualização dos professores. As conclusões visam à interlocução da educação com a saúde na área formação dos professores.

PALAVRAS-CHAVE: Transmissão vertical. HIV. Memórias.

LIFE STORIES AND MEMORIES OF HIV YOUNG ADULTS: EXPERIENCES IN THE SCHOOL ENVIRONMENT

ABSTRACT: This research presents the memories of young adults living with the human immunodeficiency virus (HIV), infected by vertical transmission (from birth). The objectives of the study were to *identify and investigate*, through young adults' memories, the experiences of positive HIV teenage students, infected by vertical transmission. Using the qualitative methodology of the Oral History, the survey was conducted at the Extension Service to HIV/AIDS Patients of the São Paulo University's Medicine College's General Hospital. Hence, eight young adults born between January/1995 and January/1998, of both sexes, with HIV

through mother-to-child transmission and graduated in high school were selected to the individual interview. Result: through the interviewees' narratives, was possible understand *how* the silence about health conditions set in the educational environment. The lack of information on the subject still prevails and the stigma created around the HIV/AIDS epidemic, started in the 80s, has not been overcome yet. The life paths of these young individuals living with the human immunodeficiency virus (HIV) are part of the trajectory of the fight against the HIV/AIDS infection either in Brazil as worldwide, not only in the biological aspect, but also in the social, family and cultural areas involving the daily lives of individuals with HIV. Respondents highlighted the need for media coverage serving for HIV prevention and strong update for teachers. The conclusions aim at the presentation of the study to dialogue between Education and Health in the teachers' training area.

KEYWORDS: Vertical Transmission. HIV. Memories.

1 | INTRODUÇÃO

Este artigo busca suscitar argumentos e propostas nas áreas da saúde e educação. A pesquisa de campo, ancorada na metodologia qualitativa, teve como suporte metodológico a abordagem da História Oral, para obter as memórias dos jovens adultos com HIV positivo desde o nascimento e apresentar as narrativas da experiência que vivenciaram na escola no período da adolescência. O campo de pesquisa foi o Serviço de Extensão ao Atendimento de Pacientes HIV/AIDS do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (SEAP HCFMUSP), destinado ao ensino, estudos e assistência interdisciplinar.

As reflexões sobre o tema HIV oportunizam uma leitura sobre a infecção a partir da gestação (parto e pós-parto) e todo o progresso que a Ciência percorreu até a atualidade com o tratamento nas diferentes fases de vida. Sobre o cotidiano social das crianças e adolescentes, a interrelação Saúde e Educação terá um longo percurso e irá requer dos profissionais uma constante atualização sobre o assunto.

Pesquisar a transmissão vertical do HIV remete aos cuidados prestados às gestantes; muitas delas na década de 1990 deixaram de ter a oportunidade do tratamento antes que seus filhos positivassem para o vírus, uma vez que, a ciência ainda tentava encontrar uma maneira de protegê-los. Com efeito, após quase três décadas da epidemia, as estatísticas apresentadas no Boletim Epidemiológico sobre o HIV, em gestantes, ainda registravam alarmantes números (BRASIL, 2016a, p. 6): “No Brasil, no período de 2000 até junho de 2016, foram notificadas 99.804 gestantes infectadas com HIV.”

Com o tratamento – a medicação, o parto e o pós-parto – as gestantes cientes do HIV (ainda no pré-natal) têm a possibilidade de que seus bebês não positivem para o HIV, e para isso, basta que se disponham à adesão do tratamento. Um alerta importante trazido por Matida e Gianna (2014, p. 8) é que a “[...] infecção por HIV

transmitida de modo vertical (da mãe para o filho, seja intra-útero, no momento do parto ou pelo aleitamento materno/cruzado) é um agravo 98% prevenível”.

Um destaque apresentado por (LOPES, 2017, p. 1), é quanto a necessidade em se refletir sobre um equívoco que repercute na sociedade: “Acredita-se que as pessoas não morram mais vítimas da doença. (...) a ideia de que AIDS hoje é tratável, controlável e se tornou doença crônica, que não chega a tornar o paciente inválido nem o leva a sofrer.”

Seja em qualquer etapa do ciclo de vida, o tratamento do HIV ocasionará os efeitos colaterais dos medicamentos e todas as repercussões que isto acarreta dia a dia, e em todos os âmbitos: social, econômico, emocional, psicológico e relacional.

Após ter sido feito o diagnóstico (transmissão vertical do HIV) e iniciado o tratamento haverá no decorrer do processo o momento em que será proposta a revelação diagnóstica à criança/adolescente sobre o HIV, possibilitando a comunicação mais espontânea sobre o tratamento junto à equipe de saúde, e trata de elucidar o fim do segredo do cuidado junto à equipe e família e esclarecer sobre o sigilo ainda imposto socialmente, de modo a evitar o desrespeito, pelo diagnóstico.

Para Pimentel (2014, p. 35): “a melhora da qualidade dos antirretrovirais disponíveis propiciou uma maior sobrevida das crianças infectadas pelo HIV por transmissão vertical, hoje se tornando adolescentes e até adultos, já formando novos núcleos familiares”.

Os jovens, os adolescentes com HIV já conhecedores do diagnóstico, no meio social escolar, buscam o apoio do educador, que podem lhe demonstrar que não há motivo para rotulações e preconceitos, isto vem ao encontro de reafirmar o incentivo ao tratamento e à prevenção, (...). A discussão do processo do adoecimento, da doença, e suas consequências, reafirma o enfrentamento pessoal do educador neste diálogo, em conjunto com a Bioética que conforme traz Diniz e Guilhem (2002, p. 119): “podemos compreender que a área da educação é traduzida como o espaço privilegiado de esclarecimentos e em muito pode contribuir em interfaces com a área da Saúde – não sendo opostas, mas sim, complementares”.

A esse respeito, muitos são os questionamentos que podem ser feitos pelos leitores da área da educação ou público diverso, ao refletir que, diante de um vasto horizonte de informações, ainda aconteça a transmissão vertical. Tal assunto desafia a todos os educadores sobre como contribuir com a formação de opiniões no meio social, seja no âmbito familiar, do trabalho, do lazer, da saúde, sobretudo da educação.

2 | DESAFIOS NO TRATAMENTO DOS ADOLESCENTES COM HIV

Pensando sobre o ciclo de vida, ser adolescente pressupõe uma relação com grupo, com maior ou menor proximidade, que conforme Sluzki (1997, p. 76) configura o “[...] sistema significativo de vínculos que não se limitam à família nuclear ou extensa,

mas incluem todo um conjunto de vínculos interpessoais do sujeito: família, amigos, relações de trabalho, de estudo(...).”

É possível denominar como rede social os vínculos de relacionamentos estabelecidos com e pelo adolescente. A pessoa que vive com uma doença crônica, que é o caso do HIV, pode optar por distanciar-se do relacionamento com o seu grupo de amigos ou família, sendo essa uma das interpretações que ele infere sobre seu diagnóstico. Outra situação contempla a maneira de aceitação da convivência ou não por parte das pessoas que sabem do diagnóstico, pois, “[...] as doenças possuem um efeito interpessoal aversivo, ou seja, geram nos outros condutas evitativas” (SLUZKI, 1997, p. 76).

Esse é um fato conflitante para o adolescente com doença crônica, pois o afastamento do seu meio social pode impossibilitar sua melhora. O apoio e o compartilhar tal condição poderá fortalecê-lo na continuidade do tratamento, e na manutenção de sua presença em sua rede de relações. Vale considerar também “[...] que se trata de uma fase da vida muito peculiar, repleta de alterações e questionamentos que se situa no impreciso intervalo entre o “não mais criança” e o “ainda não adulto”.(OPAS; BRASIL, 2015, p. 15).

As peculiaridades da adolescência com relação ao vírus HIV muitas vezes remetem grandes perdas, pois, muitos vivenciam a orfandade de pai ou mãe, ou de ambos. Conviver com o vírus demandará um acompanhamento, por meio do qual será feita a coleta de sangue, a verificação do uso da medicação, se tem apresentando efeitos colaterais e ainda se os parâmetros de crescimento e peso estão adequados.

A atualização apresentada sobre a doença causada pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (Human Immunodeficiency Virus – HIV) e da AIDS “é o estágio mais avançado da doença que ataca o *sistema imunológico*” (BRASIL, 2015), sugere que quanto maiores as condições de prevenção do conhecimento sobre o tratamento, tanto melhores serão as chances em redução da vulnerabilidade e do avanço da infecção.

Apesar da doença ser tratável, de oportunizar uma sobrevivência maior, a veiculação para a sociedade ainda tem uma tímida participação da mídia, que tem papel importante junto às áreas da Educação, Saúde e outras, sobre a maneira de disseminar informação e reflexão da prevenção e das consequências dessa doença crônica na pessoa com HIV, pelo uso de medicamentos para manter a imunidade elevada.

Os comportamentos dos adolescentes os tornam mais vulneráveis devido à expectativa de oportunidades experienciais e de consciência de limites. A partir de Brasil (2006a, p. 34): “Hoje sabemos que nossa fragilidade – ou nossa capacidade de enfrentar os desafios – depende de um conjunto integrado de aspectos individuais, sociais e institucionais. José Ricardo Ayres (2005), (...)”

Tal consideração está relacionada ao poder de decisão e de maturidade que a pessoa tem diante das circunstâncias cotidianas, mas, essas são passíveis de exigir

da pessoa discernimento e decisão sobre as vontades, o corpo, acerca da própria valorização enquanto pessoa e a condição em assumir a biossegurança, ao saber onde procurar orientação para os assuntos relacionados à sexualidade – como ir até um serviço de saúde.

2.1 Atualização do educador frente a temas sociais latentes como o hiv positivo

Ao considerar que a escola e os educadores têm papel importante na vida das crianças e dos adolescentes, é necessário reconhecer que nesse espaço eles permanecem por um longo período de formação, ou seja, eles frequentam a escola entre a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio (níveis da Educação Básica). Na vida escolar, a abordagem das vulnerabilidades, gênero e epidemia são aspectos discutidos no cotidiano.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), (BRASIL, 1997a, p. 325-326), propõe aos educadores: “[...] as informações sobre as doenças devem ter sempre como foco a promoção de condutas preventivas, enfatizando-se a distinção entre as formas de contato que propiciam risco de contágio.”

A escola, ao assegurar os conhecimentos e as vivências necessárias que promovam e/ou contribuam com a formação da personalidade e o exercício da cidadania dos seus alunos, precisa estar atenta aos profissionais da educação para que recebam formação continuada em Saúde e reúnam condições para associar a promoção de saúde, e do tratamento. (BRASIL, 2006B)

Na pesquisa, denominada AIDS, drogas, violência e prevenção: representações sociais de professores do ensino médio, Placco (2007) apresentou uma contribuição da Psicologia da Educação acerca da necessidade em se discutir juntamente com os professores temas de “emergência social” que na formação – da graduação – os professores não tiveram o aprofundamento da discussão desses temas.

Uma constatação de Placco (2007, p. 7), especificamente sobre a AIDS destaca que “[...] alguns professores consideram o tema HIV/AIDS um tanto complexo e amedrontador. Outros dizem que o tema parece estar ultrapassado, pois já não é tão focado pela mídia”. A autora reitera também que, para a educação preventiva acontecer é preciso um esforço dos profissionais da Educação em compartilhar as experiências e então, proporcionar aos alunos uma possível mudança de valores, atitudes e comportamentos somados às experiências e à orientação dos seus familiares ou responsáveis.

No que diz respeito ao tema Saúde e Educação, o educador pode contribuir para evitar que sejam desenvolvidas atitudes de diferenciação entre educandos – como o caso de quando um destes vive com uma doença crônica como o HIV. E assim encontrar uma maneira de enaltecer a compreensão e auxiliar na divulgação do combate às novas infecções pelo HIV.

A Educação, a Ética e a Bioética possibilita uma das mais importantes redes de

conhecimentos e divulgação das reflexões da vida humana, e de todas as suas etapas e percalços. Segundo a autora, é necessário reconhecer que “[...] uma pedagogia reflexiva envolve um pensamento mais complexo [...], um pensamento que busca a totalidade, as interações, a integração para o encontro de soluções para os problemas e os desafios apresentados em nosso dia-a-dia” (MORAES, 2001, p. 27).

Portanto, as questões relacionais na sociedade com referência à escola, serviços de saúde e outros, em busca das respostas à vida diária, nos desafia a contextualizar e a resolver, o que não pode mais ser adiado.

3 | NARRATIVAS DA TRAJETÓRIA E MEMÓRIAS DO JOVEM ADULTO COM HIV NO AMBIENTE ESCOLAR

Ao transitar entre a área da Saúde e Educação é possível reconhecer a “confluência multidisciplinar” - Matos e Senna (2011, p. 100) quando é possível agregar a discussão das narrativas com diferentes disciplinas (...), favorecendo que os aspectos relevantes sejam identificados.

Segundo Lang, Campos e Demartini (2010, p.45), “[...] pela forma narrativa do relato de vida, (...) é solicitado ao narrador que aborde, de modo mais especial, determinados aspectos ou fases de sua vida(...)”.

A classificação, organização e análise das categorias por temas, compreende a fase do trabalho composta pelo conteúdo das narrativas. A seguir, a distribuição da identificação dos entrevistados nominados por letras (garantido o sigilo dos nomes a pedido dos próprios entrevistados).

Entrevistado	Sexo	Idade	Conclusão do Ensino Médio	Idade da revelação diagnóstica
A	Masculino	20	Dez./2013	12
B	Feminino	20	Dez./2014	13
C	Feminino	21	Dez./2012	11
D	Feminino	20	Dez./2013	08
E	-	-	-	-
F	Masculino	19	Dez./2015	05
G	Masculino	21	Dez./2012	11
H	Masculino	20	Dez./2016	16
I	-	-	-	-
J	Feminino	20	Dez./2013	6

Quadro 1 – Perfil dos entrevistados

Fonte: a autora

As entrevistas foram gravadas sem interrupção, após aceite dos pesquisados e

com o uso de gravador digital, seguindo o roteiro semiestruturado de questões. Neste artigo, são apresentadas duas das dez categorias elaboradas.

Categoria 1: A escola, o tratamento e a prevenção do HIV

O principal aspecto destacado pelos entrevistados ficou focado na urgente atualização sobre como é o tratamento do HIV nos dias atuais, de modo que as memórias que apresentaram do período vivenciado na adolescência, no ambiente escolar, possam ser abordadas de forma diferente na atualidade, e isso para que o ambiente escolar venha contribuir com a orientação para a diminuição das atuais estatísticas da infecção do HIV pela transmissão horizontal no público entre 15 e 24 anos. Vejamos alguns fragmentos das entrevistas.

[...] E nunca foi abordado isso, tem que ser mudado isso, se abordar mais o tema. O que se fala é o básico, tipo um parágrafo de um livro. (Entrevistado A, informação verbal);

[...] Eles tem que reforçar, eu acho né, a escola precisa melhora nisso. Não sei, não dá para abrir a cabeça desse povo, né, para falar desse assunto. Acho que são os alunos. Uns pegam a informação e outros acho que descartam, ao invés de sugar a informação, jogam fora. Ainda é importante a escola falar. Acho que sim, na minha opinião, sim. (Entrevistada C, informação verbal);

[...] Precisa de mais informação, tem informação só que não é suficiente, acho que a cabeça das pessoas é muito fechada sobre o assunto, chega a ser até bem preconceituoso, mas, acho que a informação, porque tem muita coisa que as pessoas não sabem sobre e não tem como explicar porque ela mesma não tem essa informação. (Entrevistada D, informação verbal);

[...] Eu acho que tem que ter uma maneira melhor de conversar, para não acontecer à discriminação. (Entrevistado F, informação verbal);

[...] Eles tem uma visão muito fechada do que é que é. Eu acho que poderia ter, não uma matéria, mas abranger mais estas falas, assim. (Entrevistado G, informação verbal);

[...] Acho que abrir palestras nos períodos escolares, para os alunos participarem, e ficarem por dentro, desde pequenos até a adolescência. (Entrevistado J, informação verbal).

“B”, “C” e “G” ressaltaram a experiência com o preconceito e o tabu dos professores e dos alunos pela desinformação, sugeriram que os professores obtenham mais informações e se capacitem para orientar e não deixar os alunos sem respostas.

Para “A”, “C”, “D”, “G”, “H” e “J” as palestras são as formas mais eficientes para abordagem do assunto DST/HIV/AIDS, sejam estas através da equipe da escola ou pela equipe externa da saúde. “D” ressaltou que a mídia tem papel importante nas discussões que acontecem na escola, mas que as divulgações falavam muito pouco sobre a prevenção. Considerou ainda que seria preciso falar também do tratamento, dos remédios, dos efeitos colaterais e da concepção do pré-natal. O entrevistado “F” compartilhou que seria muito importante, que os educadores estivessem atentos e não permitissem o desrespeito e a discriminação.

Na entrevista de “G”, o mesmo esclareceu que não somente os alunos, mas os professores também precisariam ter mais informações para manter um diálogo

aberto. O entrevistado “H” diz acreditar ser necessário explicar o que acontecia no passado com as pessoas que adoeciam e agora que existe tratamento, mas não a cura.

A observação dos entrevistados que passam pela experiência de viver com HIV corrobora com os relatos de Polizzi (1998) quando se referiu à necessidade do esclarecimento por parte da sociedade para manutenção dos direitos humanos, direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal, por meio de esclarecimentos para a diminuição do preconceito.

Outro aspecto que os entrevistados consideraram primordial foi que, de alguma maneira, as pessoas que vivem com HIV pudessem apresentar seus relatos e assim contribuir com esclarecimentos aos alunos, sobretudo no que diz respeito ao tratamento em si; o uso da medicação e seus efeitos colaterais; os exames de rotina (sangue) e a busca em manter a saúde em boas condições.

Categoria 2: Memórias da adolescência e preconceito

Segundo a constatação dos entrevistados, o preconceito acontece quando as pessoas falam de assuntos que desconhecem e não procuram informações, e isso costuma acontecer muito quando se fala do HIV. Seguem alguns fragmentos das entrevistas.

[...] a sociedade é muito preconceituosa – não vou chegar perto dela que tem HIV, falta de informação!!!! (Entrevistada D, informação verbal);

[...] acho que o preconceito das pessoas é muito grande, não só com o HIV, mas com outros problemas também. (Entrevistado H, informação verbal);

[...] Preconceito, ficar virando a cara, fazendo piadinha. (Entrevistada B, informação verbal);

[...] a gente guarda para si. “manter sigilo é uma proteção para não vivenciarmos o desconforto e possível exclusão da família e dos amigos devido o preconceito que existe”. (Entrevistado J, informação verbal);

[...] ela imaginava que se eu caísse ou a tocasse já estava passando. (Entrevistada C, informação verbal);

[...] Você sabe que se souberem terá discriminação. (Entrevistado F, informação verbal).

Os jovens com HIV referiram que ainda encontram na sociedade pessoas que expressam ignorância, preconceito e denigrem as pessoas que vive com HIV. A maneira encontrada para superar o preconceito está na Educação e quanto mais diálogos forem estabelecidos, maior a possibilidade de se dispor dos (pré)conceitos e superá-los.

Para Goffman (2004, p. 14) entender como individualmente manifestamos, expressamos e expomos à vida do outro passa por três tipos de estigmas. “Em primeiro lugar, há as abominações do corpo(...). Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como (...) crenças falsas e rígidas (...). Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião

Ter noção dos tipos de estigmas, que são disseminados e vivenciados no senso comum, possibilita reflexões da postura individual frente às situações que podem causar “estigma” contra alguém. O interesse pessoal em combater o preconceito é de fato fruto da vontade em não causar sofrimento à outra pessoa e também refletir como o meio social e cultural participam e influenciam esse processo.

As memórias que os entrevistados apresentaram sobre a experiência que trazem da adolescência com HIV e o preconceito são motivos singulares acerca da necessidade expressa em continuar contribuindo com esclarecimentos à sociedade a cerca do HIV/AIDS.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Educação, Saúde e Sociedade

A importância de retornar ao assunto das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e do HIV se faz urgente devido à ampliação do número de pessoas infectadas. Esta pesquisa usou os parâmetros relacionados no Estado de São Paulo e nos demais Estados brasileiros e promoveu as seguintes questões: como estão as discussões junto aos profissionais da educação? Estes conhecem as estatísticas atuais, regionais e os números que representam a infecção no público jovem?

A transmissão vertical do HIV é somente um dos aspectos que acometem crianças e adolescentes que vivem a experiência cotidiana em seu *locus* social e demandarão apoio por onde passarem. A transmissão horizontal (principalmente sexual) elevou as estatísticas e atinge os adolescentes e jovens adultos que precisam de uma atenção particular, para que o pleno exercício da cidadania aconteça e o espaço escolar possa possibilitar as informações necessárias.

Como os temas das IST HIV/AIDS fazem parte dos assuntos relevantes da saúde pública brasileira, um dos grandes questionamentos está em como alertar a população para o autocuidado e a prevenção a partir da veiculação da informação em várias frentes, que por sinal, precisam ser articuladas entre a Saúde, Educação e a comunidade, sobretudo às famílias. Dessa maneira, o enfrentamento para a diminuição das estatísticas de infecção poderão apresentar melhores resultados.

Superar o estigma sobre como viver com HIV pela transmissão vertical requer que as famílias olhem para o passado e identifiquem todos os avanços que foram empreendidos como maneira para conter a epidemia e melhorar a qualidade de vida das pessoas; saber como foram aprimorados os critérios de coleta de sangue para as futuras transfusões; reconhecer os avanços nos cuidados de saúde para as gestantes no parto e pós-parto e os cuidados na infância e na adolescência.

Com referência a uma agenda nacional, o assunto HIV e ou as IST deveriam estar na pauta no Ministério da Educação. De fato, a abrangência também envolve

o currículo dos cursos, com o compromisso das Instituições de Ensino Superior, bem como os respectivos coordenadores das graduações, pós-graduações, mais especificamente os das áreas humanas, almejando que . profissionais no cumprimento da hierarquia docente e administrativa da escola, também, tenham acesso à atualização e capacitação.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria Nacional dos Direitos Humanos. **Direitos Humanos no Cotidiano: manual**. 2. ed., Brasília, DF: Secretaria Nacional de Direitos Humanos; UNESCO, 1997a. 384p.
- _____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Saúde e prevenção nas escolas: guia para a formação de profissionais de saúde e de educação**. Brasília, n. 76, 2006a. 160p. (série A - Normas e Manuais Técnicos). (organizado por Ângela Donini, Maria Adrião, Marina Marcos Valadão e Vera Lopes). Disponível em: <http://www.AIDS.gov.br/sites/default/files/guia_forma_prof_saude_educacao.pdf> Acesso em 28 nov. 2015.
- _____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. DST e Aids. **Manual de rotinas para assistência de adolescentes vivendo com HIV/Aids**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006b, 178p. (organizado por Maria Letícia Santos Cruz, Lílian Day Hagel, Jorge Andrade Pinto e Cleidy Eliana dos Santos). Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/publicacao/2007/manual-de-rotinas-para-assistencia-adolescentes-vivendo-com-hivaids>>. Acesso em 10 jan. 2017.
- _____. **O que é AIDS**. Disponível em: <<http://www.AIDS.gov.br/pagina/AIDS>>. Acesso 03 set. 2015
- _____. Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. **Boletim Epidemiológico: HIV AIDS. C.R.T. – DST/AIDS. C.V.E.** ano V, n 1, São Paulo, 2016a (período jul. a dez. 2015 e jan.a jun. 2016). Disponível em: <http://www.AIDS.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2016/59291/boletim_2016_1_pdf_16375.pdf>. Acesso em 12 fev. 2017.
- DINIZ, D. GUILHEM, D. **O que é bioética?** São Paulo: Brasiliense, 2002. 69p. (Coleção Primeiros Passos, 315)
- GOFFMAN, E. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2004. (tradução de Márcia Bandeira de M. Leite Nunes, original de 1993)
- LANG, A. B. S. G.; CAMPOS, M. C. S. S.; DEMARTINI, Z. B. F. **História Oral, Sociologia e Pesquisa: a abordagem do CERU**, São Paulo: Humanitas; CERU, 2010, 71p.
- LOPES, H. V. **Aids cresce 289% em 10 anos**. São Bernardo do Campo: Diário do Grande ABC, mar. 2017 [on line]. (reportagem de Vanessa de Oliveira). Disponível em: <<http://www.dgabc.com.br/Noticia/2515106/AIDS-cresce-289-em-10-anos>>. Acesso em 12 mar. 2017.
- MATIDA, L. H.; GIANNA, M. C. Apresentação. In: SÃO PAULO. Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. Centro de Referência e Treinamento em DST/AIDS. **Guia de Referências Técnicas e Programáticas para eliminação da transmissão vertical do HIV: eliminação da Transmissão Vertical do HIV Compromisso de todos nós**, p. 7-18, 2014. Disponível em: <http://www3.crt.saude.sp.gov.br/tvhiv/guia_versao_digital/Guia_Integrado_versao_digital.pdf>. Acesso em 22 ago. 2015.
- MATOS, J. S.; SENNA, A. K. **História oral como fonte: problemas e métodos**. Revista *Historiae*, Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/hist/article/viewFile/2395/1286>>. Acesso em 02 fev. 2017.
- MORAES, M. C. **O Paradigma Educacional Emergente**. 7. ed., Campinas: Papirus, 2001.

OPAS; BRASIL. **Adolescer verbo de transição**: Relato sobre o Programa de Saúde do Adolescente do Estado de São Paulo e as Casas do Adolescente. Brasília, DF: SES, 2015, 156p.

PLACCO, V. M. N. S. **AIDS, drogas, violência e prevenção: representações sociais de professores do ensino médio**. In: 30^a. REUNIÃO ANUAL DA ANPED, Caxambu, MG, *Anais...* p. 44-56, 2007. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt20-3025-int.pdf>>. Acesso em 26 dez. 2016.

PIMENTEL, S. R. **Adolescentes vivendo com HIV**. In: SÃO PAULO. Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. Centro de Referência e Treinamento em DST/AIDS. *Guia de Referências Técnicas e Programáticas para eliminação da transmissão vertical do HIV: eliminação da Transmissão Vertical do HIV Compromisso de todos nós*, São Paulo, p. 27-32, 2014. Disponível em: <http://www3.crt.saude.sp.gov.br/tvhiv/guia_versao_digital/Guia_Integrado_versao_digital.pdf>. Acesso em 22 ago. 2015.

POLIZZI, V. P. A palavra de Valeria Piassi Polizzi. In: BRASIL. Ministério da Justiça. **Direitos Humanos no Cotidiano: manual**. Brasília: Secretaria Nacional de direitos Humanos, Brasília, p. 44-56, 1998

SLUZKI, C. E. **A Rede Social na Prática Sistêmica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. (tradução de Claudia Berliner).

SOBRE O ORGANIZADOR

Willian Douglas Guilherme - Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins, Câmpus de Arraias. Coordenador Substituto do Curso de Pedagogia. Representante Docente no Conselho Diretor. Membro do Comitê Interno de Assessoramento do Programa Institucional de Iniciação Científica/UFT. Líder do Grupo de Pesquisa/CNPq "Educação e História da Educação Brasileira: Práticas, Fontes e Historiografia" e membro do Grupo "Laboratório de Formação de professores e práticas dialógicas na Educação- Lapedi - UFT". Tem Pós-Doutorado em Educação, 2018 (FACED/UFU). Doutor em Educação, 2016 (UNESP/Marília). Mestre em Educação, 2010 (FACED/UFU). Graduado em História, 2007, Bacharelado e Licenciatura (UFU), Bolsista IC/CNPq (08/2004 a 08/2007) integrando ao Núcleo de Estudos e Pesquisa em História e Historiografia da Educação (NEPHE/FACED/UFU). Graduado em Pedagogia, 2013, Licenciatura, pela Universidade de Uberaba (UNIUBE). Durante o mestrado, foi bolsista CAPES; Secretário da Revista Cadernos de História da Educação (NEPHE/FACED/UFU); representante Discente no Conselho da Faculdade de Educação (CONFACED); representante Discente nos Conselhos Superiores: CONSUN (Conselho Universitário) e CONPEP (Conselho de Pesquisa e Pós-Graduação); membro do CONAD (Conselho de Administração do Hospital de Clínicas da UFU); membro da CPA-UFU (Comissão Própria de Avaliação da Universidade Federal de Uberlândia); membro da Comissão de Revisão do Estatuto e do Regimento Geral da UFU; eleito Coordenador Geral da APG-UFU (Associação dos Pós-Graduandos da Universidade Federal de Uberlândia) biênio 2008/2009. Desenvolve pesquisa na busca, identificação e catalogação de fontes primárias para a História da Educação como jornais, periódicos, atas, imprensa, leis, relatos, levantamento de acervos públicos e particulares, entre outros, tendo como foco a História Local e a História das Instituições Escolares, assim como efetiva participação em cursos de Especialização (lato sensu) voltados para a formação de professores com foco na gestão, organização, planejamento, orientação e avaliação na Educação Básica.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acolhimento institucional 61

Alienação 93, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 157, 196

Animação 102, 103

Anos iniciais 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33

Aprendizagem 4, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 24, 28, 30, 36, 38, 39, 43, 48, 50, 52, 53, 57, 59, 63, 64, 65, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 84, 85, 86, 89, 90, 91, 93, 95, 96, 99, 100, 103, 104, 108, 110, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 120, 126, 129, 142, 143, 144, 154, 155, 159, 165, 181, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 193, 196, 201, 213, 220, 221, 230, 232

Atitudes 10, 42, 43, 73, 117, 132, 133, 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 160, 182, 183, 203, 222, 240, 246

AVAs 84, 85, 86, 87, 89

B

Base Nacional Comum 21, 28, 29, 32, 33

Bem-estar docente 34, 41, 42, 43, 45

Brinquedoteca 6, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69

C

Cibercultura 90

Crianças 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 24, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 43, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 162, 163, 170, 172, 180, 243, 244, 246, 250

C&T 132, 133, 134, 136, 138, 139, 140, 141, 142

Currículo 8, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 38, 39, 45, 91, 92, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 133, 185, 188, 190, 201, 225, 226, 228, 251

D

Desafios 21, 22, 29, 44, 59, 64, 75, 81, 82, 89, 92, 99, 119, 121, 123, 124, 125, 127, 129, 157, 217, 224, 225, 227, 244, 245, 247

Didática 31, 32, 33, 71, 75, 82, 154, 190

E

Educação a Distância 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 117, 120, 126, 128, 129, 217, 240

Educação infantil 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 12, 13, 14, 16, 20, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 48, 51, 55, 56, 58, 59, 61, 62, 69, 70, 82, 157, 246

Educação permanente em saúde 118, 120, 121, 122, 129, 130

Educadores de creche 9, 13

Ensino 2, 10, 11, 14, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 44, 48, 51, 52, 58, 59, 64, 71, 72, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 84, 85, 86, 89, 90, 91,

93, 94, 97, 99, 100, 102, 103, 104, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 126, 127, 129, 132, 133, 134, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 155, 157, 159, 160, 162, 163, 164, 166, 170, 174, 183, 187, 189, 193, 195, 198, 210, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 232, 233, 236, 238, 239, 240, 242, 243, 246, 247, 251, 252

Ensino de história 21, 22, 23, 25, 26, 27, 29, 31, 32, 33

Ensino técnico 132, 133, 134, 142

Espaços físicos 1, 2, 3, 4, 5, 6

Estratégia saúde da família 118, 119

F

Filme 102, 104, 105, 107

Formação 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 36, 37, 38, 44, 45, 50, 55, 57, 59, 63, 64, 69, 72, 73, 74, 76, 78, 80, 85, 86, 89, 93, 94, 96, 108, 113, 114, 115, 117, 118, 120, 121, 122, 125, 126, 131, 140, 141, 142, 143, 144, 155, 159, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 175, 176, 177, 180, 181, 186, 187, 188, 191, 192, 194, 195, 196, 198, 199, 200, 218, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 231, 232, 238, 240, 242, 244, 246, 251, 253

I

Identidade 4, 9, 11, 15, 16, 17, 19, 20, 28, 47, 49, 63, 64, 66, 74, 92, 95, 99, 174, 176, 177, 178, 179, 181, 182, 183, 219, 225, 251

L

Livro da vida 46, 48, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 59

Ludicidade 61, 66

M

Mal-estar docente 34, 41, 43

Marxismo 145, 158

Memória 27, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 135

Memória mediada 46, 49

MOOCS 86, 87, 90

N

Novas tecnologias 33, 77, 82, 91, 92, 99, 117, 118, 126, 232

P

Pedagogia histórico-crítica 145, 147, 152, 153, 154, 155, 157, 158

Planejamento 10, 17, 18, 19, 20, 38, 50, 62, 69, 73, 75, 77, 82, 91, 93, 98, 99, 100, 122, 124, 126, 169, 170, 171, 172, 194, 223, 239, 253

Professor 7, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 23, 24, 30, 33, 34, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 50, 51, 52, 54, 55, 57, 59, 64, 71, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 85, 92, 93, 94, 97, 98, 103, 104, 114, 115, 135, 142, 143, 154, 155, 160, 161, 163, 165, 166, 171, 180, 182, 190, 198, 199, 220, 221, 223, 226, 229, 230, 231, 238, 253

Professor de educação física 34

R

Recursos didáticos 102, 103, 107, 108, 126, 238

S

Sala de aula 17, 23, 32, 39, 40, 42, 47, 52, 56, 57, 58, 66, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 103, 104, 108, 115, 181, 190, 225, 230, 231

T

Tecnologia 71, 72, 73, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 85, 96, 99, 100, 101, 120, 130, 132, 135, 136, 142, 143, 144, 159, 229, 230

Telessaúde 118, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130

Territórios da infância 1

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-759-8



9 788572 477598